

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**TATIANA CARNIERI PIERIN**

**INSTITUIÇÃO ESCOLAR SOB A PERSPECTIVA DE FOUCAULT E GOFFMAN**

**CURITIBA**

**2015**

**TATIANA CARNIERI PIERIN**

**INSTITUIÇÃO ESCOLAR SOB A PERSPECTIVA DE FOUCAULT E GOFFMAN**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Filosofia da Educação: Ética, Política e Educação, como requisito para obtenção ao grau de Especialista da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Celso de Moraes Pinheiro

**CURITIBA**

**2015**

TATIANA CARNIERI PIERIN

**INSTITUIÇÃO ESCOLAR SOB A PERSPECTIVA DE FOUCAULT E  
GOFFMAN**

Monografia apresentada a Universidade  
Federal do Paraná como parte das  
exigências para a obtenção do título de  
Especialista.

Ctba, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Celso de Moraes Pinheiro

---

Professor Avaliador

---

Professor Avaliador

## RESUMO

Partindo do princípio que tanto Foucault quanto Goffman analisam a construção do indivíduo e seus saberes, a partir de padrões e regramentos impostos pela instituição, cujo processo se desenvolve em um espaço confinado caracterizado por uma ampla vigilância e controle, objetiva-se deslocar essa ideia para a realidade escolar, e demonstrar como ocorre a sua organização a partir dessas duas teorias. Ao analisar a escola sob a ótica do poder disciplinar de Foucault e da teoria da instituição total de Goffman, verifica-se que em ambas as teorias a instituição se conforma na ideia de confinamento que visa a correção e (re) socialização a partir de uma lógica de controle e de um sentimento de constante vigilância que obriga a todos a seguirem normativas e regulamentos, garantindo que nada saia daquilo que foi planejado. Assim como tantas outras instituições, isso ocorre também nas escolas, onde os indivíduos são dispostos em um espaço de modo que a instituição possa esquadrihar suas ações e comportamentos para assim definir o indivíduo e a sociedade como um todo. Assim a escola com o propósito de correção e reforma submete o indivíduo a um poder normalizador que irá percorrer todas as relações que ocorrem no espaço escolar, criando padrões e condutas que devem ser seguidas, punindo os transgressores que fugirem as regras, processo esse rigorosamente controlado e vigiado. Assim o processo de ensino desempenhado dentro da escola é caracterizado por uma fiscalização e rigoroso controle ao objetivar a construção do saber e formação da conduta do indivíduo. Dessa maneira a escola é um espaço disciplinar que constitui o saber e a noção que há um controle e vigilância constante em toda a nossa sociedade.

Palavras-chave: Instituição, vigilância, controle, punição, escola.

## **ABSTRACT**

Assuming that both Foucault and Goffman analyze the construction of the individual and their knowledge, from standards and specific regulations imposed by institution, a process develops in a confined space characterized by an extensive surveillance and control, the objective is to move this idea school reality, and demonstrate how is your organization from these two theories. By analyzing the school from the perspective of disciplinary power Foucault and the theory of total Goffman institution, it turns out that in both theories institution conform the idea of containment aimed at correction and (re) socialization from a logic control and a sense of constant vigilance to compel them to follow norms and regulations, ensuring that nothing goes what was planned. Like so many other institutions, it also occurs in schools, where individuals are arranged in a space so that the institution can scan their actions and behaviors to thus define the individual and society as a whole. So the school for the purpose of correction and reform subjecting the individual to a normalizing power that will go all the relationships that occur at school, creating patterns and behaviors that must be followed, punishing wrongdoers to escape the rules, a process strictly controlled and watched. So the teaching process performed within the school is characterized by a supervision and strict control by targeting the construction of knowledge and training of the conduct of the individual. In this way the school is a disciplinary space that constitutes the knowledge and the notion that there is a control and constant surveillance throughout our society.

Keywords : Institution , surveillance, control, punishment , school.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – RELAÇÕES DE PODER.....	14
TABELA 1 – COMPARAÇÃO ENTRE PODER SOBERANO E PODER DISCIPLINAR .....	19
FIGURA 2 - INSTITUIÇÃO TOTAL: CONSTRUÇÃO DO INDIVÍDUO.....	33

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	8
2.1 DEFINIÇÃO DE PODER E INSTITUIÇÃO TOTAL.....	8
2.1.1 Trajetória Filosófica: Foucault e Goffman.....	8
2.1.2 Noções de Poder segundo Foucault .....	9
2.1.3 Poder Disciplinar .....	16
2.1.4 Instituição Total .....	25
<b>3 INSTITUIÇÃO ESCOLAR SOB A PERSPECTIVA DE FOUCAULT E</b>	
<b>GOFFMAN</b> .....	34
4 CONCLUSÃO.....	39
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	41

## 1 INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto que tanto Foucault quanto Goffman buscaram analisar a instituição a partir do contexto de desenvolvimento e construção da subjetividade, visando a formação de um indivíduo que fosse adestrado e modelado conforme normativas, regulamentos e também de um forte controle e vigilância da equipe dirigente, se pretende realizar uma análise a respeito do poder disciplinar de Foucault e da instituição total de Goffman verificando como seria a organização da instituição escolar sob a perspectiva dessas duas teorias.

Foucault em seu propósito de analisar o poder disciplinar, defende a ideia da construção de um sujeito dócil politicamente, útil economicamente e conectado as demandas sociais e habilidades exigidas pelo contexto no qual o indivíduo está inserido. Para tal construção, ele faz menção a instrumentos ou dispositivos disciplinares que englobam desde o âmbito do espaço, o controle do tempo até sanções normalizadoras para se obter um bom adestramento do corpo do indivíduo.

Há de se destacar que para alcançar tal objetivo de adestramento do corpo, Foucault menciona um dos mais importantes instrumentos de disciplinarização, conhecido como vigilância hierárquica que se manifesta pela sensação de estar constantemente sendo observado, induzindo o indivíduo para que siga corretamente as normativas estipuladas. Esse dispositivo advém da ideia de que um controla o outro, em uma noção de relação.

Já Goffman trabalha com a ideia de formação do indivíduo a partir de uma série de normativas e regulamentos que são responsáveis por delinear o comportamento do indivíduo, inseridos dentro de um contexto de espaço fechado. Essa realidade de confinamento social e espacial que o indivíduo passa a ter no momento que adentra a instituição promoverá processos de perda das características adquiridas no meio exterior passando assim, a substituí-las pelas normas e regras da instituição.

Feito esse breve início acerca das duas teorias, de Foucault e de Goffman, objetiva-se primeiramente analisar as concepções de poder em Michel Foucault e de instituição total em Erving Goffman. A partir do embasamento teórico dessas duas concepções será demonstrado de que modo essas teorias influenciam na organização e nas relações sociais estabelecidas dentro de uma escola buscando examinar quais seriam os reflexos dessa organização nos processos de ensino.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 DEFINIÇÃO DO PODER E INSTITUIÇÃO TOTAL

Partindo do pressuposto que tanto Foucault quanto Goffman analisam a construção do indivíduo e seus saberes, a partir de padrões e regramentos impostos pela instituição, cujo processo se desenvolve em um espaço confinado caracterizado por uma ampla vigilância e controle, realizar-se-á uma breve análise a respeito da sociedade disciplinar, de Foucault, fundamentada em sua teoria sobre o poder, e dando continuidade ao trabalho, abordar-se-á a teoria da instituição total de Goffman e a consequência desse espaço fechado, ao comportamento do internado. Finaliza-se a pesquisa com a aproximação dessas duas teorias a realidade escolar. A seguir, será descrita uma breve análise a respeito da trajetória do filósofo Foucault e sociólogo Goffman.

#### 2.1.1 Trajetória Filosófica: Foucault e Goffman

Michael Foucault (1926-1984) foi um filósofo francês que tinha como meta compreender a constituição do saber no sujeito enquanto resultado da interrelação entre poder, saber e o corpo do indivíduo, processo esse executado nas instituições, enquanto Erving Goffman (1922-1982), sociólogo norte-americano, interessou-se pela análise das interações sociais dentro das instituições, com o objetivo de verificar as consequências da internação e do isolamento da sociedade na estrutura do eu do indivíduo (GIL; GIL FILHO, 2008).

Tanto Foucault quanto Goffman possuíam perspectivas significativas para o entendimento das instituições, disciplina e também da construção da subjetividade (modo de ser, pensar, agir do indivíduo).

Goffman trouxe o conceito de espaço fechado, mais precisamente de instituição total, a partir do detalhamento e da análise das práticas existentes em instituições fechadas, referindo-se, assim como Foucault, à existência de uma micro-política que legitimaria as relações de poder existente entre a equipe dirigente e a equipe dos internados e como essa relação influenciaria na produção da subjetividade (POZZOBON, 2012). Foucault, por sua vez, preocupou-se em demonstrar que as práticas que modelariam e disciplinariam o indivíduo não

buscariam somente o desenvolvimento de habilidades e, tampouco, a submissão, mas sim a construção de uma política de coerção. Nesse sentido, compreende-se que ambos os autores em questão buscaram analisar a instituição a partir do contexto de desenvolvimento e construção da subjetividade, visando a formação de um indivíduo que fosse adestrado e modelado conforme as normativas e regulamentos da mesma, embasado em um forte controle sobre o indivíduo a partir de uma coação calculada e esquadrihada.

Assim, considerando-se que as instituições seriam responsáveis por adestrar e modelar a conduta dos indivíduos através de dispositivos que promoveriam a vigilância e o controle constante, com este trabalho buscou-se analisar de que modo as teorias de Foucault e Goffman poderiam influenciar na organização da escola atual.

### 2.1.2 Noção de Poder segundo Foucault

Inseridos no âmbito da teoria política clássica, filósofos anteriores a Foucault, como Maquiavel, Hobbes, Rousseau e Locke, concebem o poder a partir da ideia de que uma minoria o tinha e a grande maioria estaria na condição de submissão a esse grupo. Esse poder, muitas vezes, esteve vinculado ao Estado e a Igreja. Essa perspectiva busca legitimar o poder de uns poucos sobre muitos para assim manter uma ordem social.

De acordo com Kelm (2012, p.14):

Foucault ao contrário dos contratualistas modernos, afirma que o poder não pode ser entendido como um bem, como algo que pode-se abrir mão, outorgar a outrem, ou até mesmo trocá-lo por uma situação de igualdade social, paz e segurança, essa concepção baseada no modelo econômico é muito distinta da concebida por Foucault.

Verifica-se que Foucault, ao contrário de pensar em um poder central e único legitimado e sustentado por uma lógica de garantia de bem estar social à população, pensa em um poder espalhado pela sociedade, em um conjunto de práticas sociais, inseridos em uma espécie de rede que envolveria todos os atores sociais (FOUCAULT, 1987).

Dessa forma, o Estado não pode ser considerado o único culpado dos males da sociedade já que é apenas uma das representações desse poder que se exerce

em uma série de mecanismos distribuídos nas diversas camadas da sociedade. Foucault passa, então, a analisar o poder como prática social visando as suas múltiplas formas de exercício na sociedade e assim elaborou a sua analítica do poder.

Segundo Danner (2009, p.788):

A analítica do poder de Foucault impõe um deslocamento em relação ao Estado, na medida em que identifica a existência de uma série de relações de poder que se colocam fora dele [...] sua intenção é demonstrar que as relações de poder ultrapassam o nível estatal e se estendem por toda a sociedade.

Fica claro que a relação de poder para Foucault não está concentrada unicamente na figura do Estado e sim ela está espalhada em todos os fragmentos da sociedade, envolvendo desde as relações familiares, empregatícias até as relações de poder estabelecidas pelo Estado.

Ainda, para Foucault (1980) *apud* Danner (2009, p.788):

Descrever todos os fenômenos do poder como dependentes do aparato estatal significa compreendê-los como essencialmente repreensivos: o exército como poder de morte, polícia e justiça como instâncias punitivas. As relações de poder se estendem além dos limites do Estado [...] o Estado é a superestrutura em relação a toda uma série de redes de poder que investem o corpo.

Deste modo, verifica-se que o poder está então em todo lugar e ele é exercido em níveis variados e em pontos diferentes da rede social.

Conforme Kelm (2012, p.15):

O poder defendido por Foucault não estaria restrito apenas a esfera estatal e não empregaria como seu instrumento privilegiado apenas a lei estabelecida juridicamente, mas também a uma infinidade de normas sociais aplicadas aos mais variados âmbitos.

Assim fica claro que o poder vai além do aparato estatal e jurídico alcançando todas as camadas da sociedade se afirmando por uma infinidade de normas sociais.

Fica ainda mais evidente essa intenção de Foucault de ir além de uma visão jurídica na afirmação de Fonseca<sup>1</sup> (2010), onde relata que Foucault em sua teoria do poder se distancia de ideias até então bastante debatidas, segundo ele:

O deslocamento afeta as concepções de poder que se apóiam exclusivamente em um modelo jurídico (que pergunta pela legitimidade do poder) ou em um modelo institucional (que pergunta pelo significado e pelo papel do Estado e de suas instituições).

Verifica-se que Foucault não nega o poder advindo do Estado e o que se legitima pelo meio jurídico, no entanto, essa visão que se apóia em um campo exclusivo nesses dois âmbitos passa a ser limitada, já que o poder para Foucault abrange toda a sociedade.

Assim pensando em um poder distribuído por toda a sociedade, Foucault defendeu sua teoria do poder pautado em um discurso que considerou a existência de práticas ou relações de poder que constituiriam um sistema de poder a partir de instituições que manteriam uma ligação social e política entre si e com base no Estado. São exemplos dessas relações a fábrica, escola, etc (FOUCAULT, 1987).

Conforme Benelli (2003, p.101):

Foucault demonstrou que as relações de poder/saber, consideradas como práticas realizam simultaneamente tanto a produção de conhecimentos específicos sobre o homem quanto uma produção técnica dele no interior de um determinado conjunto de instituições. É nessa articulação entre poder e saber que se produz o sujeito [...] assim a subjetividade (modo de ser, pensar e agir) é tecida no contexto institucional, por uma rede de micropoderes que o sustenta o fazer dentro da instituição.

Ainda de acordo com Benelli (2003, p.101), “a instituição é uma prática social e é na própria instituição que o saber é construído e o sujeito é formado”. Essa construção do saber decorre das relações de poder que são estabelecidas nesse espaço fechado.

Assim, compreende-se que Foucault se diferencia de outros pensadores<sup>2</sup> por considerar a existência de relações de poder como forma de estratégia que atua como uma técnica que irá agir no corpo do indivíduo produzindo saber, segundo o autor, o poder não deve ser pensado como uma propriedade, com uma ideia de

<sup>1</sup> FONSECA, Márcio Alves da. **Revista Cult**. Edição número 97, sob o título de: O domínio do politizável (2010).

<sup>2</sup> Enfatizando aqui as referências anteriormente citadas: Maquiavel, Rousseau, Locke, Hobbes e outros contratualistas modernos.

bem e de apropriação. Dessa maneira, Foucault torna-se um pensador singular no modo de questionar a ideia de poder.

Conforme Deleuze (2005, p.35):

A ideia de que o poder é uma propriedade não demonstra ser a mais correta, uma vez que Foucault declarou que o poder é menos uma propriedade do que estratégia, e seus efeitos não são atribuídos a uma apropriação, mas sim a disposições, a manobras, táticas e técnicas.

Isto é, para o autor, o poder é exercido mais do que possuído, não é privilégio adquirido ou conservado da classe dominante, mas o efeito de conjunto de suas posições estratégicas (DELEUZE, 2005).

Constata-se que a relação de poder vai muito além das relações legalmente instituídas expressas na legislação e nos demais atos normativos concernentes ao poder instituído legalmente, expandindo tais relações a outros processos hierárquicos da sociedade, como as relações professor-aluno, médico-paciente, empregador-empregado.

Nesse contexto, o conceito de poder para Foucault parte de uma perspectiva que perpassa o Estado, indo além dele, para buscar nas micros relações os elementos moleculares (POGREBINSCHI, 2004). Foucault tem o desejo de desvincular a imagem negativa de poder muitas vezes atrelada à ideia de repressão provinda de mecanismos advindos do Estado e para isso defende o distanciamento da visão jurídica de poder.

A partir das ideias de Foucault, pode-se identificar três ideias falsas relativas ao poder (MARINHO, 2008)<sup>3</sup>:

A primeira delas corresponde ao poder localizado, como uma coisa única, alojado em um núcleo central de onde ele tudo controla; a segunda relaciona-se à ideia do poder como onipotente e onisciente e a terceira falsa ideia refere-se a posse do poder por um único titular, fundamentada no conceito de poder único.

Foucault destaca também que o poder não se afirma somente através da violência e repressão, mas sim, da produção de saber e realidade. Dessa forma, ele

---

<sup>3</sup> MARINHO, Ernandes Reis. As relações de poder segundo Michel Foucault. **E-Revista Facitec**. v.2. n.2. Art.2. dez./2008. Disponível em: <http://www.facitec.br/ojs2/index.php/erevista/article/view/7> Acesso em: mar. 2015.

apresenta o poder como uma rede produtiva de saber e realidade (FOUCAULT, 1979, p.7). Para ele:

Se o poder fosse somente repreensivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer “não” você acredita que seria obedecido? O que faz com que o poder se mantenha e seja aceito é simplesmente que ele não só pesa como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso (FOUCAULT, 1979, p. 7).

Verifica-se a partir do que foi mencionado acima, uma das mais importantes ideias defendidas por Foucault a respeito do poder, de que o mesmo não pode ser investigado unicamente por seu caráter negativo, mas também e principalmente pelas positivities construídas por ele, já que o poder produz verdades e sujeitos, e consequentemente constrói sociedades.

Foucault (1987, p. 27) enfatiza que:

O poder junto às medidas punitivas não pode ser visto unicamente como mecanismos negativos que permite reprimir, impedir, excluir, suprimir, mas que ele está relacionado a toda uma série de efeitos positivos e úteis, visando fins corretivos que promovem o saber e o aperfeiçoamento do corpo.

Dessa forma, além do poder não ser compreendido apenas como uma ideia de violência e repreensão ele também não é localizável, pois não se concentra em nenhum ponto específico da estrutura social, e sim, funciona como uma rede de dispositivos ou mecanismos, assim como é a disciplina que todos os indivíduos estão sujeitos (DIAZ, 2012).



FIGURA 1 – RELAÇÕES DE PODER  
 Fonte: Tatiana Carnieri Pierin (2015).

Observa-se na figura mencionada acima, que o poder não está concentrado nas mãos de um único sujeito, ele está espalhado por todas as camadas da sociedade, sendo percebido a partir de relações de poder que são exercidas em diferentes níveis: local, regional e familiar.

É possível se constatar também um dos aspectos que mais se destaca na teoria de Foucault, referente ao distanciamento da ideia de visão do poder como sendo unicamente repressivo, demonstrando a sua positividade com a construção do saber e do sujeito.

A partir do que foi esclarecido acima, evidencia-se que todos os grupos sociais estão sujeitos a uma relação de poder.

Para a análise de como se manifesta essa relação de poder, Foucault empregou alguns elementos considerados necessários para a compreensão dessa relação, são eles, de acordo com Neves (2000, p.349-370)<sup>4</sup>:

- O sistema de diferenciações, que envolve diferenças jurídicas, econômicas, sociais, de lugar, culturais, de linguística. As diferenciações são importantes, pois permitem um indivíduo atuar sobre o outro a partir

<sup>4</sup> NEVES, José Pinheiro. A tradução completa encontra-se na revista Sociedade e Cultura, Cadernos do Noroeste em: Michel Foucault, "O Sujeito e o Poder "In:Sociedade e Cultura 1, Cadernos do Noroeste, Série Sociologia. v.13 (1), 2000, pp. 349-370.

do fato de que são distintos, pois caso contrário, sendo semelhantes, não haveria motivação que o colocasse numa relação de dominação/submissão;

- Os objetivos perseguidos por aqueles que agem sobre a ação dos outros. Por exemplo, a manutenção de privilégios, a acumulação de lucros, a implantação ou manutenção de uma autoridade, o exercício de uma função ou profissão;
- As maneiras pelas quais se solidificam efetivamente a relação de poder. Pode acontecer pela ameaça de armas, por desigualdades econômicas, por mecanismo de controle;
- As formas de institucionalização de poder, ou seja, quais são os regulamentos e estruturas hierárquicas próprias que validam seu exercício (NEVES, 2000, p.349-370).

Observa-se que Foucault tinha como objetivo verificar os processos que promovem o surgimento do poder e para alcançar tal intuito, busca analisar as instituições para avaliar as práticas disciplinares que nelas são estabelecidas. Deduz-se assim que o autor para entender a temática de onde surge o poder, busca analisar as instituições para verificar como se dão as relações de poder que irão se consolidar pelas diferenciações que podem envolver os campos: jurídico, econômico, social e cultural, até as formas e estruturas hierárquicas que validam o exercício (dominação/submissão).

Dessa forma, as relações de poder podem ser percebidas difundidas em todas as camadas da sociedade em qualquer situação rotineira, entretanto elas adquirem maior eficácia quando estão institucionalizadas.

Para Foucault, as relações de poder nas instituições são marcadas pela disciplina, cujo objetivo principal é tornar os Homens força de trabalho dando-lhes uma utilidade econômica, além de formar Homens dóceis politicamente (FOUCAULT, 1987).

A disciplina trabalha diretamente com o corpo dos indivíduos, manipulando seus gestos e comportamentos. Foucault (1987, p.164) atribui a disciplina como sendo um: “[...] dispositivo do poder e um método que permite o controle minucioso das operações do corpo, que asseguram a sujeição constante de suas forças e lhe impõem uma relação de docilidade-utilidade”.

Sob a ótica de Danner (2009, p.793), “esse método de dominação política do corpo tem como característica a fabricação de um homem necessário ao bom funcionamento da economia capitalista”.

É possível constatar assim, que a disciplina é um método que irá tornar o homem útil economicamente, sendo a responsável por assegurar que a aprendizagem se desenvolva através de um conjunto de comunicações e também por uma série de mecanismos do poder como o confinamento, vigilância, recompensa e a punição.

Conforme Foucault (1987, p.195):

A disciplina fabrica indivíduos, ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício.

Nesse contexto, a seguir, será analisado de forma um pouco mais detalhada o que é a ideia de poder disciplinar desenvolvida por Foucault.

### 2.1.3 Poder Disciplinar

No final do século XVIII, a execução pública, até então tida como meio para se alcançar a justiça e que fazia uso de técnicas do suplício e da exposição do corpo, passou a dar lugar ao exercício de novas práticas punitivas embasadas fortemente na lógica da correção e no reeducar (FOUCAULT, 1987). Assim, manifestou-se, claramente, um sentimento de humanização da pena, na qual a violência do suplício foi substituída pela leveza da arte da correção, fato esse motivado por uma reestruturação política e econômica verificada na Europa nesse período.

Foucault afirma que acontecimentos do século XVIII foram os responsáveis pela suavização das práticas punitivas, dentre os quais pode-se destacar: a diminuição dos crimes de sangue; os delitos contra a propriedade que prevaleceram sobre os crimes mais graves (suscitado em decorrência de um contexto em que se promovia o desenvolvimento da produção, onde se verificava um aumento da

riqueza); maior preocupação com as propriedades privadas; métodos rigorosos de vigilância; e policiamento mais severo (TEMPLE, 2011)<sup>5</sup>.

Neste novo contexto que emergiu decorrente da alteração dos processos punitivos, o carrasco que executava o então espetáculo do suplício foi substituído por uma hierarquia diversificada de funções que visava à correção, como o juiz, médico, psiquiatra, psicólogo, e o educador que utilizava métodos e técnicas para garantir o controle sobre os gestos, movimentos e as atitudes (TEMPLE, 2011). Assim, conforme Foucault, essa nova conjuntura não era mais de espetáculo, mas sim de vigilância.

Além desse contexto, a modificação dos mecanismos punitivos ocorreu, sobretudo, devido a inserção da disciplina que se manifestou de forma sutil pelo controle e pela padronização e fabricação de corpos dóceis (FOUCAULT, 1987). Assim, de acordo com Foucault (1987, p.163), “houve durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder [...] o corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil”.

Compreende-se assim que o poder disciplinar amparado pela ideia de correção veio a substituir as técnicas de suplício e de exposição do corpo, alterando assim os mecanismos de punição, resultado da inserção da disciplina que atua diretamente sobre o corpo do indivíduo exercendo sobre ele o controle através de ações disciplinadoras que visam tornar o corpo hábil e obediente.

Assim, entende-se que a sociedade disciplinar fundamentou-se em um sistema que visava o controle social através de dispositivos e técnicas de classificação, seleção, vigilância e de controle que se ramificaram pela sociedade a partir de uma cadeia hierárquica originada do poder central e que se multiplicou em uma rede de poderes interligados e capilares (FOUCAULT, 1987).

Constata-se que a sociedade disciplinar, que despontou frente ao poder do soberano que até então legitimizava a técnica do suplício, inserido no contexto do controle social o indivíduo passou a ser o principal alvo do poder disciplinar que almejava incorporar nos corpos características de docilidade e utilidade.

Foucault (1987) relata que seria dócil um corpo que pode ser submetido, utilizado, transformado e aperfeiçoado.

---

<sup>5</sup> TEMPLE, Giovana. **Poder e resistência em Michel Foucault**: Uma genealogia do acontecimento. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade Federal de São Carlos, 2011. Disponível em: <http://www.dfmc.ufscar.br/uploads/publications/510805043b43e.pdf> Acesso em: jan. 2015.

Dessa forma, o corpo é modelado, adestrado, conforme ações disciplinadoras. Assim, o poder disciplinar é um poder que ao invés de se apropriar e de retirar, teria como função maior adestrar (FOUCAULT, 1987).

Percebe-se que o poder para nortear os processos de modelagem do indivíduo se utiliza de mecanismos disciplinares para medir, corrigir e hierarquizar (PINHO, 1998).

Portanto, a ação de tornar o corpo dócil consiste em torná-lo útil e produtivo aumentando assim a sua submissão e obediência objetivando o controle de atitudes, gestos e comportamentos (GAMA, C; GAMA, G; PINHO, 2009).

Fica claro, que a disciplina, ao docilizar o corpo, constrói uma relação que torna o indivíduo tanto mais obediente quanto mais útil se tornar.

Nesse sentido, existe uma condição para aprimorar e aumentar a utilidade do indivíduo relacionada à submissão às técnicas de docilização (FOUCAULT, 1987). Observa-se dessa forma a importância da disciplina na ação coercitiva do indivíduo.

Foucault (1987, p.164) confirmou essa concepção a partir da noção de disciplina que compreende os “métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade”.

Dessa forma, enfatiza-se que a disciplina é responsável por modelar a conduta e produzir indivíduos submissos a determinados sistemas, garantindo um equilíbrio e uma ordem política além de produzir habilidades e aptidões no indivíduo possibilitando assim o funcionamento de instituições e grupos sociais.

Com a pretensão de modelar a conduta do indivíduo o poder disciplinar pretende alcançar objetivos que permeiam o âmbito econômico e político. No viés econômico no sentido de fazer com que os homens se tornem força de trabalho dando-lhes uma utilidade econômica máxima e, no político, de atuar pela diminuição de capacidade de revolta do indivíduo tornando-os dóceis politicamente (FOUCAULT, 1987). Destaca-se, então, que no viés econômico o poder disciplinar faz aumentar a utilidade dos indivíduos, fazendo crescer suas habilidades e aptidões e conseqüentemente seus rendimentos e lucros (FOUCAULT, 1987).

A seguir, a tabela que compara o poder soberano com o poder disciplinar:

TABELA 1 – COMPARAÇÃO ENTRE PODER SOBERANO E PODER DISCIPLINAR

PODER SOBERANO (DOMINAÇÃO)	PODER DISCIPLINAR
Indivíduo soberano	Indivíduo corpo
Terra e seus produtos	Corpo
Apropriação de riquezas	Anatomia política do corpo humano
Existência física do soberano	Disciplina
Tributação	Vigilância
Produção de bens e de riqueza	Maximização da força
Monarquia	Sociedade
Direito	Ciências humanas

Fonte: POGREBINSCHI (2004).

Evidencia-se ao analisar a tabela acima que o poder disciplinar centraliza-se no indivíduo, mais precisamente no corpo. Nesse corpo é exercido o poder para alcançar a maximização das forças e o aprimoramento do indivíduo a partir do desenvolvimento do saber. O saber, por sua vez, é responsável pela produção e constituição desse indivíduo.

Ao pensar a disciplina sob a perspectiva de Foucault nota-se a busca da construção de um sujeito dócil politicamente, útil economicamente e conectado às demandas sociais e as habilidades exigidas obedecendo ao contexto de sua época. Para a construção desse sujeito dócil são usados alguns instrumentos ou dispositivos disciplinares que percorrem desde o âmbito do espaço, o controle do tempo até as sanções normalizadoras para se obter um bom adestramento do corpo. O primeiro desses instrumentos é a vigilância hierárquica (no sentido de se enxergar a tudo e a todos, estabelecendo uma rede, onde todos são observados) (POGREBINSCHI, 2004).

Esta é a mais importante engrenagem do poder disciplinar permitindo que a visibilidade constante dos indivíduos contribua para que os mesmos sejam adestrados, se ajustem e se corrijam (POGREBINSCHI, 2004).

Conforme Pogrebinschi (2004, p. 193), “com a vigilância, o poder disciplinar torna-se um sistema integrado, não existindo um centro, isto é, não há um chefe. No topo da forma piramidal desse poder há sim uma essência relacional”.

Verifica-se que um dos instrumentos do poder disciplinar corresponde a vigilância hierárquica, que se manifesta pela sensação de estar constantemente sendo observado induzindo o indivíduo para que siga corretamente as normativas estipuladas, assim o mesmo se ajusta e se corrige. A vigilância hierárquica advém da ideia que um controla o outro, em uma ideia relacional e em uma espécie de rede.

Pensando essa ideia, no âmbito da escola, para se obter a eficácia da vigilância hierárquica, se percebe a necessidade de decompor suas instâncias para assim aumentar sua função produtora (FOUCAULT, 1987).

Conforme Foucault (1987, p. 198):

O edifício da escola deveria ser o aparelho de vigiar [...] e o olhar disciplinar teve a necessidade de escala. Melhor que o círculo, a pirâmide podia atender a duas exigências: ser bastante completa para formar uma rede sem lacuna, possibilidade de multiplicar seus degraus e de espalhar sobre toda a superfície a controlar e ao mesmo tempo ser bastante discreta para não pesar sobre a atividade disciplinar.

Dessa forma, verifica-se que a vigilância em forma de pirâmide proporciona um melhor controle, já que cada setor acaba ficando encarregado de controlar o outro. Na prática dentro da escola esse propósito se efetiva com a presença do diretor, dos vices-diretores, da supervisão pedagógica, dos professores e, finalmente, os alunos, uns controlando os outros.

Outro dispositivo disciplinar é a sanção normalizadora que está centrada na existência de uma modalidade punitiva, na qual os mínimos atos desviantes do indivíduo são passíveis de penalização, via punição ou correção.

Na via de correção conhecido como castigo disciplinar Pogrebinschi (2004, p.193) relata que, “a disciplina traz consigo uma maneira específica de punir cuja função consiste em reduzir os desvios”.

Para Foucault (1987, p. 204), “o castigo disciplinar deve ser essencialmente corretivo”.

Observa-se claramente que a punição disciplinar não possui um caráter de repreensão e sim de correção, visando corrigir comportamentos ruins, transformando em bons comportamentos.

Para atingir tal objetivo, a punição disciplinar incide em um sistema duplo conhecido como gratificação-sanção que se aplica, por exemplo, no fato em que se deve usar muito mais de gratificações do que sanções, pois, assim, os indivíduos são incitados a procurar muito mais a recompensa do que as penalidades, garantindo dessa forma, que o comportamento se incline na busca por gratificações e recompensas (FOUCAULT, 1987).

De acordo com Temple (2011, p. 40):

Verifica-se que a normalização, ao mesmo tempo em que define, organiza e esquadriinha tanto os espaços quanto os indivíduos, individualiza ao reconhecer suas diferenças para então ajustá-las a normalização, com a distinção entre o normal e o anormal, entre o bom e o ruim.

Dessa maneira, a normalização tem papel preponderante em organizar tanto os espaços sociais quanto os indivíduos favorecendo assim o reconhecimento de cada sujeito para ajustá-los ao regramento.

De acordo com Foucault (1987, p. 202):

Na escola são alvos de punição as ações correspondentes a micro-penalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções de tarefas); da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo); da maneira de ser (grosseira, desobediência); dos discursos (tagarelice, insolência); do corpo (atitudes incorretas, gestos não conformes, sujeira). Ao mesmo tempo é utilizada a título de punição, toda uma série de processos sutis, que vai do castigo físico leve a privações ligeiras e a pequenas humilhações.

E, por último, o dispositivo disciplinar conhecida como exame (caracterizado por permitir uma descrição pormenorizada, destacando suas diferenças frente aos demais sujeitos), que de acordo com Pogrebinschi (2004, p. 194):

Trata-se de um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir. O exame estabelece sobre os indivíduos uma visibilidade através do qual são diferenciados.

Constata-se que através do exame exercido nas instituições escolares, é possível se obter informações a respeito do aluno, desde as suas aptidões e deficiências até sua evolução e desvio durante o processo de ensino.

De acordo com Foucault (1987, p. 211), “o exame permite ao mestre, ao mesmo tempo que transmite o seu saber, levantar um campo de conhecimentos a respeito de seus alunos”.

Entende-se, assim, que os dispositivos ou instrumentos disciplinares que foram descritos acima, de uma maneira sutil são os responsáveis por moldar a conduta do indivíduo visando o seu aprimoramento e o aumento da sua produtividade (FOUCAULT, 1987).

De acordo com Foucault (1987, p. 169):

O poder disciplinar cria um espaço analítico para vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir suas qualidades e méritos. Isto é, um meio para se conhecer, controlar, vigiar e também de articular essa distribuição sobre um aparelho de produção que tem suas exigências próprias visando a manipulação dos processos para se atingir o resultado eficaz.

Verifica-se que com o poder disciplinar há uma atenção especial aos detalhes que envolvem o corpo do indivíduo que submetido ao um controle rigoroso de tempo, espaço e ações são marcados fortemente por uma vigilância que visa analisar e medir o comportamento do sujeito.

Assim, compreende-se que através da disciplina ocorre a manipulação da conduta do sujeito tendendo o controle do seu tempo, espaço, e suas funções corpóreas, intervindo de forma que o indivíduo se torne produtivo para atingir a plenitude das funções com a melhoria de seu desempenho (GAMA, C.; GAMA, G, PINHO, 2009).

De acordo com Foucault (1987, p. 174), “as disciplinas ao organizarem as “celas”, “lugares”, “fileiras” criam espaços complexos: ao mesmo tempo arquiteturais, funcionais e hierárquicos [...] garantindo a obediência dos indivíduos”.

Fica claro que a disciplina para organizar um grande número de indivíduos se utiliza de mecanismos de controle do espaço que divide, separa e classifica os sujeitos visando a uma maior e melhor observação, inspeção e controle, garantindo assim a obediência de todos.

No âmbito da educação, a disciplina faz funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, hierarquizar e recompensar. Para alcançar tal objetivo de controle, a disciplina exige um espaço específico que contribua para que os indivíduos possam ser vigiados em seus atos e em seus comportamentos para assim medir suas qualidades (FOUCAULT, 1987).

De acordo com Foucault (1987, p. 173):

Idealizou-se um tipo de escola cuja distribuição espacial pudesse realizar ao mesmo tempo toda uma série de distinções, tais como o nível de avanço dos alunos, o valor de cada um, seu temperamento bom ou ruim, sua maior ou menor aplicação, sua limpeza e a fortuna dos pais.

Percebe-se que o espaço escolar é idealizado a partir de uma lógica de vigilância e de um controle minucioso de como os sujeitos são distribuídos delimitando seu lugar a fim de facilitar a sua localização, vigiar e examinar o seu comportamento, analisando seus defeitos e qualidades para recompensá-los ou puni-los.

Nesse contexto, a tecnologia disciplinar promove justamente a distribuição dos indivíduos no espaço, utilizando diversos procedimentos tais como: o enclausuramento, o quadriculamento celular e individualizante (cada indivíduo no seu lugar e em cada lugar um indivíduo) e a classificação e a serialização (individualizando os corpos ao distribuí-lo e fazendo-os circular em numa rede de relações) (FOUCAULT, 1987).

Observa-se que a disciplina transforma o espaço visando modificar as multidões confusas, inúteis em multiplicidades organizadas e, para isto, a disciplina se utiliza de instrumentos e dispositivos disciplinares para manter a ordem e o controle (FOUCAULT, 1987).

Conforme Gundalini e Tomizawa (2013, p.28), “com os instrumentos e dispositivos disciplinares se pretende moldar e converter um indivíduo da condição de um potencial inimigo a um indivíduo útil para a sociedade na qual está inserido”.

Assim, para Foucault (1987, p.221):

O modelo de dispositivo disciplinar compreende um espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, onde os indivíduos estão inseridos em um local fixo, onde os menores movimentos são controlados, onde todos os acontecimentos são registrados.

Esse modelo de dispositivo pode ser verificado na conformação das escolas que se caracterizam como sendo espaços fechados, recortados, vigiados em todos os seus pontos permitindo um controle sobre todas as movimentações de quem está no corredor, quem vai ao banheiro, e da classe indisciplinada (FOUCAULT, 1987).

Com relação a esses instrumentos ou dispositivos disciplinares, um dos mais importantes é o modelo conhecido como panóptico, desenvolvido pelo filósofo Jeremy Betham (1748-1832), cujo projeto inicial era o de uma prisão modelo para a reforma dos encarcerados (ALVES; CONCEIÇÃO; SANTOS, 2015)<sup>6</sup>. Contudo, a ideia do panóptico foi além desse objetivo, tornando-se um plano para todas as

---

<sup>6</sup> Leticia Alves, Maria da Conceição e Rozilene Santos são alunas da Universidade Estadual do Rio de Janeiro e organizadoras do site <http://michelfoucault.hotglue.me/>. Acesso em: 2015.

instituições educacionais, de assistência e de trabalho com o intuito de normalizar o sujeito moderno.

Quando se trata de uma multiplicidade de indivíduos a que se deve impor uma tarefa ou comportamento, o esquema panóptico pode ser utilizado, assim como na implantação dos corpos no espaço, da organização hierárquica, da definição de seus instrumentos e de modos de intervenção, podendo ser ele utilizado nos hospitais, presídios e escolas. A intenção do panóptico é a de promover a vigilância constante, coagindo os indivíduos mesmo antes da falta, dos erros e do crime a ser cometido (FOUCAULT, 1987).

Para alcançar tal objetivo, o panóptico foi idealizado arquitetonicamente como um edifício em forma de anel no meio do qual haveria um pátio com uma torre central (ALVES; CONCEIÇÃO; SANTOS, 2015). O anel poderia ser dividido em pequenas celas que dariam tanto para o interior quanto para o exterior. Em cada uma dessas pequenas celas haveria, de acordo com o objetivo da INSTITUIÇÃO, uma criança aprendendo a escrever, um operário a trabalhar, um prisioneiro a ser corrigido e na torre haveria um vigilante.

Conforme Foucault (1987, p.223):

O panóptico de Bentham é a figura arquitetural da composição da disciplina. O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel, no centro uma torre, esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel, a construção periférica é dividida em celas tendo elas duas janelas, uma para o interior, correspondendo as janelas da torre e outra para o exterior permitindo que a luz atravessasse a cela de lado a lado [...] pelo efeito da contraluz pode-se perceber da torre, recortando-se exatamente sobre a claridade, as pequenas silhuetas cativas nas celas da periferia. O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente.

Outro ponto fundamental do panóptico é que na torre central poderia ou não haver um vigia. Em ambos os casos, o importante seria que o vigiado jamais tivesse a certeza disso. Ele saberia que poderia estar sendo vigiado e isso seria suficiente para mantê-lo disciplinado.

De acordo com Foucault (1987, p. 224), “o dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente”.

Assim, o dispositivo panóptico se baseia na ideia de que o indivíduo é visto mas não vê quem está o observando. O dispositivo além de ser um projeto para uma prisão modelo é aplicável também para as instituições escolares.

De acordo com Borges (2004)<sup>7</sup>:

A construção das escolas obedece a quase todas essas disposições e com uma peculiaridade importante: a posição da sala da diretoria permite ter uma visão global de todo o estabelecimento, um olhar panóptico, já que o posicionamento dessa sala permite uma vigilância efetiva e constante não só dos alunos, mas de toda a equipe pedagógica.

Dessa maneira, o panoptismo corresponde à observação total. É a tomada integral por parte do poder disciplinador da vida de um indivíduo onde o mesmo é vigiado durante o tempo todo sem que veja o seu observador, nem que saiba que está sendo mesmo vigiado. Considerado uma ferramenta do poder, o panóptico para Foucault tem como meta reunir o maior número de informações referentes ao indivíduo para assim obter o maior controle possível do comportamento dos mesmos (FOUCAULT, 1987).

Partindo do princípio que nas instituições são desenvolvidos mecanismos de controle e de vigilância e que as mesmas são organizadas em uma lógica de ambiente fechado, serão analisadas a seguir, sob a perspectiva de Goffman, as instituições totais.

#### 2.1.4 Instituição Total

De acordo com Goffman (1987, p.149):

A instituição é uma organização formal instrumental que pode ser definida como um sistema de atividades intencionalmente coordenadas e destinadas a provocar alguns objetivos explícitos e globais. O produto esperado pode ser: artefatos materiais, serviços, decisões ou informações.

Constata-se que a instituição é organizada com o objetivo de ordenar as interações sociais, a partir de normas e regulamentos com o desenvolvimento de atividades devidamente planejadas que irão nortear a formação do indivíduo.

As instituições serão responsáveis por produzir indivíduos e seus saberes a partir do delineamento de padrões oficiais de bem-estar, valores conjuntos, incentivos e castigos (GOFFMAN, 1987).

---

<sup>7</sup> BORGES, Juliano Luís. Escola e disciplina: Uma abordagem foucaultiana. **Revista Urutáguia**. Revista Acadêmica Multidisciplinar. Maringá: UEM, 2004. Disponível em: [http://www.urutagua.uem.br/005/05edu\\_borges.htm](http://www.urutagua.uem.br/005/05edu_borges.htm) Acesso em: mar. 2015.

Evidencia-se assim a proposta de Goffman que é a de realizar uma análise institucional a respeito dos fenômenos que ocorrem dentro dos espaços fechados.

Conforme Goffman (1987, p.16):

A instituição total é caracterizada pelo seu fechamento sendo simbolizada pela barreira a relação social com o mundo externo e por proibições à saída que muitas vezes estão incluídas no esquema físico, por exemplo, portas fechadas, paredes altas, arame farpado.

Assim as instituições totais se caracterizam por serem estabelecimentos absolutamente fechados que funcionam a partir de um regime de internação integral envolvendo um grande grupo de internados que serão rigorosamente controlados pelas suas atitudes e comportamentos por uma equipe especializada.

Dessa forma, o principal objetivo das instituições totais é retirar o indivíduo de seu mundo originário, a fim de que o internado absorva totalmente as regras internas.

Segundo Goffman (1987, p.17), além dessa característica citada acima, outros atributos pertinentes as instituições totais que valem a pena ser destacados, são eles:

O fato de todos os aspectos da vida do internado ser realizados no mesmo local e sob os olhares da equipe dirigente; de cada fase da atividade diária ser realizada na companhia de um grupo relativamente grande de pessoas, todas elas tratadas da mesma forma e obrigadas a fazer as mesmas coisas em conjunto; de todas as atividades serem realizadas em horários rigorosamente pré-estabelecidos onde todas as atividades são impostas de cima para baixo e mantidas por um sistema de regras formais e por uma equipe de funcionários responsáveis por controlar as atividades desses indivíduos.

Fica claro, que a instituição através dessas ações terá como meta modelar o comportamento do internado visando a transformação social e pessoal do indivíduo, se abstendo dos padrões de conduta e das regras sociais anteriores.

Confirmando essa constatação, segundo Goffman (1987, p. 24):

O novato chega ao estabelecimento com uma concepção de si mesmo que se tornou possível por algumas disposições sociais estáveis no seu mundo doméstico. Ao adentrar na instituição é imediatamente despedido do apoio dado por tais disposições.

É possível observar que, quando o indivíduo entra no espaço fechado o primeiro objeto de intervenção é sua identidade, afetando diretamente sua personalidade como gostos e preferências: roupas, corte de cabelos, perfumes, assim, a instituição tem como objetivo padronizar e alterar a imagem que fazemos de nós mesmos.

Verifica-se que o indivíduo antes de entrar nesse espaço fechado carrega consigo uma concepção de si mesmo que foi construída a partir de sua vivência social externa, ou seja, estruturada a partir da relação entre familiares, amigos.

De acordo com Goffman (1987):

Quando o internado chega a instituição ele sofre um processo de mortificação do eu, que suprime a concepção de si mesmo e a cultura aparente que traz consigo, formada na vida familiar e civil e que não são aceitas pela sociedade. O processo de mortificação do eu é promovido pelo forte esquema de imposição de regras de conduta que o faz perder seu conjunto de identidade e segurança pessoal.

Salientando mais uma vez, para Goffman (1987) a partir do momento que esse mesmo indivíduo inicia sua estada na instituição, imediatamente passa a perder essas características adquiridas ao longo dessa vivência externa, gerando um processo de mortificação do eu, com mudanças radicais na moral e na crença que tem a seu respeito e a respeito dos outros que são significativos a ele (GOFFMAN, 1987).

Goffman (1987, p. 24) afirma que o processo de mortificação do eu é padronizado nas instituições e, “a barreira que as instituições totais colocam entre o internado e o mundo externo assinala a primeira mutilação do eu”.

Segundo Goffman (1987, p. 21):

Na instituição total, a partir da admissão, ocorre uma espécie de exposição contaminadora. No mundo externo, o indivíduo pode manter objetos que se ligam aos seus sentimentos do eu, por exemplo, seu corpo, suas ações imediatas, seus pensamentos e alguns dos seus bens. Já nas instituições totais, esses territórios do eu são violados, a fronteira que o indivíduo estabelece entre seu ser e o ambiente é invadida e as encarnações do eu são profanadas.

É possível constatar que o indivíduo no mundo externo vive em lugares diferentes, convive com um grande número de pessoas distintas e no momento que se insere ao mundo correspondente ao da instituição total passa a viver em um

único lugar, com um número reduzido de pessoas e sob a lógica de obrigações e regras iguais para a realização de atividades. Dessa maneira, o indivíduo é separado para viver sob a ordem de uma rigorosa equipe, que limita sua liberdade, autonomia e distancia aquilo que o fazia se identificar no mundo externo.

Dessa maneira observa-se que o indivíduo acaba perdendo o seu referencial sendo desprovido de seus bens e seus valores, iniciando um processo de transformação que visa uma padronização e uniformização do comportamento, conforme os padrões estabelecidos pela instituição.

Conforme Goffman (1987, p. 49):

Ao mesmo tempo em que o processo de mortificação se desenvolve, o internado começa a receber instrução formal e informal do que será denominado por sistema de privilégios. Na medida que o seu eu civil foi abalado pelos processos de despojamento da instituição, é em grande parte o sistema de privilégios que dá um esquema para a reorganização pessoal.

Verifica-se assim que aliado ao processo de mortificação que ocorre no internado vivencia-se os procedimentos relacionados a reorganização pessoal que correspondem as instruções formais e informais, assim nesse espaço fechado há regras e se as regras forem obedecidas os internados serão recompensados com prêmios e privilégios e se desobedecidos serão castigados.

Para compreender como se dá esse processo de padronização e uniformização do comportamento, faz necessário analisar como ocorre a vivência interna dentro da instituição total, dessa forma, segundo Goffman (1987) na instituição é possível encontrar dois grupos, os opressores e oprimidos, que são formados respectivamente, pela equipe dirigente e pelo grupo dos internados, os opressores serão os responsáveis em modelar e os oprimidos são objetos de procedimentos modeladores. O poder vai surgir a partir dessa relação (GOFFMAN, 1987).

Para Goffman (1987, p.18):

A função primordial da equipe dirigente não é orientação, ou inspeção periódica, mas sim a vigilância, ou seja, fazer com que todos façam claramente o que foi indicado ou exigido.

Observa-se dessa maneira que a tarefa da equipe dirigente é receber os internados e aplicar-lhes uma série de procedimentos que visam à vigilância para assim obter o controle e a modelagem do comportamento do indivíduo.

O outro grupo corresponde ao dos internados, que são os indivíduos que passam de uma vida no exterior para uma vida de confinamento social e espacial, passando por processos de mortificação do eu e concomitantemente de adaptação as regras da instituição (GOFFMAN, 1987).

Contudo, é possível constatar que a relação exercida entre esses dois grupos não ocorre de uma maneira tão simples, já que em muitos casos os internados não se submetem tão facilmente aos procedimentos impostos pela equipe dirigente de (res) socialização (GOFFMAN, 1987).

De acordo com Benelli (2004, p.239), “Goffman descreve minuciosamente as reações de (contra) controle que os dois grupos antagônicos exercem um sobre o outro: há modelagens e resistência, vigilância permanente e recíproca”.

Percebe-se que a relação estabelecida entre o grupo da equipe dirigente e dos internados, muitas vezes não ocorrem de uma maneira simples, com a constatação de uma certa resistência dos internados em seguir as normativas e condutas estabelecidas pela equipe dirigente, que objetiva a transformação e modificação desses indivíduos.

Para conseguir tal objetivo a instituição total com a equipe dirigente deverá exercer um controle minucioso dos internados e assim submeter o indivíduo à modelagem, de acordo com Goffman (1987, p.16) as instituições totais de modelagem de nossa sociedade podem ser classificadas em cinco agrupamentos.

Em primeiro lugar a instituições criadas para cuidar de pessoas que muitas vezes se pensa, que são incapazes e inofensivas; nesse caso estão as casas para cegos, velhos, órfãos e indigentes. Em segundo lugar, há locais estabelecidos para cuidar de pessoas consideradas incapazes de cuidar de si mesmas e que são também uma ameaça à comunidade, embora de maneira não intencional; sanatórios para tuberculosos, hospitais para doentes mentais e leprosários. Um terceiro tipo de instituição total é organizado para proteger a comunidade contra perigos intencionais e o de bem-estar, cadeias, penitenciárias, campos de prisioneiros de guerra, campos de concentração. Em quarto lugar, há instituições estabelecidas com a intenção de realizar de modo mais adequado alguma tarefa de trabalho, são eles os quartéis, escolas internas e por último há estabelecimentos para servir de refúgio do mundo, embora muitas vezes sirvam também como locais de instrução para os religiosos, como os mosteiros, conventos e outros claustros.

O controle é facilmente perceptível dentro de uma instituição total.

De acordo com Benelli (2004, p.243), “o controle minucioso dentro da instituição é extremamente limitador em uma instituição total”.

Nesse ambiente observa-se a ocorrência de dois processos que objetivam o controle: a tiranização e arrigementação.

Segundo Goffman (1987) *apud* Benelli (2004, p. 243):

A tiranização do indivíduo corresponde a um processo de infantilização social que retira do indivíduo, sua autonomia, liberdade de ação e capacidade de decisão [...] já que as menores atividades estão sujeitas a regulamentos e julgamentos da equipe dirigente.

Ainda segundo os mesmos autores (2004, p. 243), “a arrigementação é o procedimento que indica a obrigação de executar a atividade regulada em uníssono com grupos de outros internados”.

Constata-se que há nas instituições totais uma forte política que limita as ações dos internados, retirando sua liberdade e capacidade de decisão restringindo suas atitudes em atividades que são elaboradas pela própria INSTITUIÇÃO sob o controle constante da equipe dirigente.

Segundo Goffman (1987) *apud* Benelli (2004):

A partir do controle minucioso das ações, o indivíduo passa por um processo de descaracterização, inserido em um contexto altamente rigoroso e punitivo, o indivíduo se adéqua as normativas da instituição total, restringindo a capacidade de decisão e conseqüentemente limitando as ações desse sujeito.

Não obstante, se ocorre uma transgressão ao princípio de normalização, há todo um conjunto de processos sutis que são organizados num plano que vai do castigo físico, passando por privações calculadas até as pequenas humilhações, assim Goffman apresenta os processos de mortificação do eu fruto de processos padronizados que estão inter-relacionados com os princípios de normalização (GOFFMAN, 1987).

De acordo com Kunze (2009, p. 279):

A partir do momento que o internado tem contato com as regras da instituição ele passa a desenvolver sua adaptação que pode ser pelo ajustamento primário quando contribui cooperativamente com as atividades exigidas pela instituição, ou pelo ajustamento secundário quando empregam

meios ilícitos ou não autorizados para obterem satisfações proibidas, escapando do que a organização supõe que deve fazer ou poder.

Observa-se no grupo dos internados que a adaptação, que significa as respostas que os mesmos dão as regras da casa, pode ocorrer pelo ajustamento primário ou pelo ajustamento secundário, se for por esse, ocorre a formação de estratégias para defender-se dos efeitos modeladores mantidos pela equipe dirigente, vislumbrando uma situação clara de disputas, relações de poder que confrontam diretamente as práticas desempenhadas dentro da instituição.

O indivíduo que coopera com as atividades institucionais sob as condições exigidas é um colaborador, um indivíduo normal e programado. Ele não deve ser não mais e não menos para aquilo que foi preparado. Quando o processo ocorre dessa maneira, sem nenhum tipo de resistência do indivíduo a instituição, diz que foi empregado o ajustamento primário (GOFFMAN, 1987).

Já quando o indivíduo manifesta resistência, Goffman denomina o processo como sendo de ajustamento secundário. Nessa situação a instituição deverá adotar estratégias para manter o controle dos indivíduos intensificando medidas que envolvem a disciplina (GOFFMAN, 1987).

No ajustamento secundário é possível verificar situações de resistência do internado, criando práticas que desafiam a equipe dirigente, principalmente com ações em retaliação a medidas ostensivas dos dirigentes. Os internados fazem uso também do controle social informal em que empregam a força e a violência contra delatores para evitar que os entreguem a equipe dirigente; do processo de confraternização onde o grupo de internados se unem, desenvolvendo apoio mútuo e uma cumplicidade como resistência; a gozação coletivo que expressa o repúdio geral e vingança contra a autoridade sentida como inimiga (GOFFMAN, 1987).

Para Goffman (1987) *apud* Kunze (2009, p. 281):

A prática de ajustamento secundário ocorre com determinações múltiplas seja por desprezo e malícia, ou porque é proibida, porque é fonte de prazer, ou por adesão contra o poder da instituição e significa para o praticante que ele tem individualidade e autonomia pessoal que não estão ao alcance da instituição, o que permite a preservação do seu eu.

No ajustamento secundário os indivíduos empregam meios proibidos, de forma a escapar daquilo que a instituição considera como certo, sendo uma espécie

de estratégia, uma resistência dos sujeitos frente às práticas de poder dentro do contexto institucional.

Goffman (1987, p.191) adverte que:

Esse tipo de comportamento dos internados pode ser encontrado em instituições cuja autoridade está concentrada num grupo completo da equipe dirigente, e não num conjunto de pirâmides de comando.

Na análise de Foucault, no entanto, quando se refere a conformação das relações de poder dentro das instituições, evidencia-se que há uma vigilância hierárquica, embasado em uma espécie de escalonamento de poder que acaba por dificultar qualquer espécie de resistência dos indivíduos que estão internados na instituição.

Outro ponto que Foucault enfatiza é que as relações de poder devem ser analisadas principalmente pelas suas positivities, já que o poder produz saber e conseqüentemente constrói sociedades.

Já para Goffman (1987), é possível verificar que há dentro das organizações formais, isto é, nas instituições totais, uma resistência por parte de um grupo de internados, em aceitar a participar das obrigações institucionais sendo determinada pelos seguintes motivos: desprezo ou malícia, por ser proibido, pelo simples prazer, ou por adesão contra o poder da instituição. Essa resistência significa para o internado que há nele ainda uma autonomia e uma individualidade que não está no alcance da mesma. Essas práticas que desafiam a instituição e a equipe dirigente, ou como é chamado por Goffman, ajustamento secundário, gera no grupo de internados um controle social informal, onde um indivíduo se une ao outro, em uma confraternização para desenvolver apoio mútuo e resistência ao espaço fechado (GOFFMAN, 1987).

Segundo Goffman (1987, p.246), “quanto mais forte for a privação, mais forte será a frequência dos pequenos ilícitos, funcionando como um recurso simbólico contra o sistema totalitário, um refúgio para o eu”.

Essa é uma clara estratégia dos internados que visa manipular o poder ou resistir a ele, frente as técnicas da equipe dirigente para a mutilação da identidade do indivíduo. Já para Foucault o poder é obedecido porque ele produz o saber e constitui indivíduos.

Abaixo, o diagrama que representa o processo de modelagem do indivíduo dentro de uma instituição fechada sob um contexto de intenso controle, forte regramento e resistência.

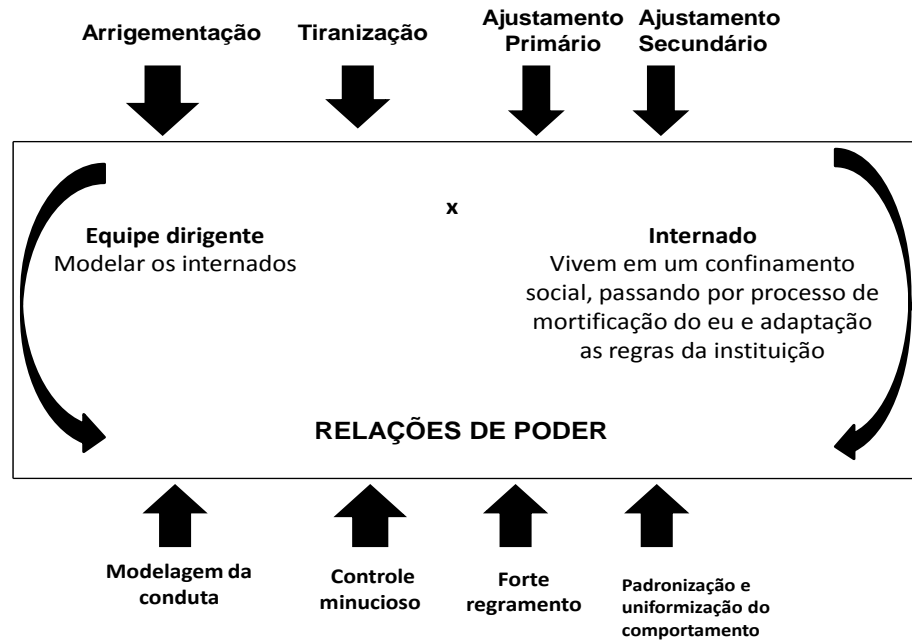


FIGURA 2 – INSTITUIÇÃO TOTAL: CONSTRUÇÃO DO INDIVÍDUO

Fonte: Tatiana Carnieri Pierin (2015).

### 3 INSTITUIÇÃO ESCOLAR SOB A PERSPECTIVA DE FOUCAULT E GOFFMAN

Realizado o embasamento teórico acerca das teorias de Foucault e Goffman, com o intuito de se alcançar o objetivo desse trabalho, serão aplicadas as respectivas teorias na organização da escola.

Ao analisar a escola sob o ponto de vista de Foucault e Goffman se constata que ambos os autores identificam às instituições como sendo estabelecimentos fechados e de confinamento que promovem um controle minucioso a partir de uma vigilância constante. Isto visa de modo quase que sutil a docilização e a modelagem das ações dos indivíduos.

As instituições, ou seja, as escolas, ao almejar o controle visando a formação do indivíduo partem de uma arquitetura caracterizada como sendo de um espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, cercado com muros e paredes altas, portas fechadas, cercas e arame farpado.

Para Goffman essas instituições funcionam em regime de internação, onde um grupo relativamente numeroso de internados vive em tempo integral, funcionando como local de residência, trabalho, lazer e espaço de alguma atividade específica, que pode ser terapêutica, correccional e educativa.

Constata-se que a forma de organização do espaço das instituições e da escola, baseia-se na ideia de enclausuramento, que segundo Foucault, é norteado pela tecnologia disciplinar, que fornece também os subsídios necessários para a distribuição dos indivíduos nesse mesmo espaço, fazendo uso de procedimentos como a classificação e a serialização (individualizando os corpos ao distribuí-los e fazendo-os circular em numa rede de relações), e também no uso da disposição das classes (fileiras umas atrás das outras para melhor controle do professor).

Para se obter tal organização e controle dos indivíduos no espaço, o dispositivo disciplinar conhecido como panóptico, baseado na ideia de um edifício em forma de anel que se divide em pequenas salas com um pátio e uma torre no centro, será o responsável pela promoção de uma vigilância constante, um olhar permanente, registrando tudo sobre a vida escolar do educando, ou seja, realizando uma coação desses indivíduos mesmo antes da falta e dos erros.

O panóptico é fundamental quando se trata de uma multiplicidade de indivíduos em que se deseja impor um determinado tipo de comportamento, já que a

sensação de estar constantemente vigiado se faz suficiente para o grupo de indivíduos se manterem disciplinados.

Verifica-se que a instituição, isto é, a escola é idealizada arquitetonicamente com o fim de facilitar a vigilância e o controle constante, coagindo os indivíduos para que respeitem as normativas e regulamentos. A escola além de estar projetada arquitetonicamente sob a lógica do panóptico deverá ser organizada em séries e classes permitindo individualizar os alunos através da disposição em fileiras favorecendo o controle e obtendo assim a obediência e ordem dos alunos. Logo, é possível constatar que a organização do espaço físico da escola, funciona como um instrumento que irá contribuir na construção de um indivíduo que seja dócil politicamente e útil economicamente.

Foucault menciona a disciplina como a responsável por modelar a conduta e produzir indivíduos submissos a determinados sistemas, assim a escola será a responsável por construir esse sujeito dócil, promovendo um controle minucioso das operações do corpo do indivíduo, manipulando seus gestos e comportamentos, adestrando e aprimorando o sujeito para suprir as demandas existentes na sociedade.

Assim a instituição escolar com o propósito de modelar a conduta do indivíduo pretende alcançar objetivos que permeiam o âmbito econômico e político. No viés econômico no sentido de fazer com que os homens se tornem força de trabalho dando-lhes uma utilidade econômica máxima e, no político, de atuar pela diminuição de capacidade de revolta do indivíduo tornando-os dóceis politicamente.

Goffman afirma que a instituição total, inclusive a escola, além de promover a tiranização do indivíduo com a retirada de sua autonomia, liberdade de ação e capacidade de decisão, submete também o sujeito a arrigementação que obriga a execução de atividade regulada em uníssono com grupos de outros internados.

Constata-se que a partir do controle minucioso das ações, o indivíduo passa por um processo de descaracterização, inserido em um contexto altamente rigoroso e punitivo, onde o aluno se adéqua as normativas da escola, restringindo a capacidade de decisão e conseqüentemente limitando as ações desse sujeito.

Além de a escola fazer uso do espaço físico para manter o controle e assim realizar uma vigilância constante, ela também se utiliza de normativas e regulamentos que obrigam os alunos a seguir rigorosamente um determinado tipo de

comportamento, pensamento esse, embasado no fundamento de que todas as ações devem seguir o regulamento, caso contrário deverá ser corrigida e punida.

A punição é um instrumento para controlar todos os instantes das instituições disciplinares.

Para Goffman quando ocorre uma transgressão as normativas e regulamentos da escola, há todo um conjunto de processos sutis que são organizados num plano que vai do castigo físico, passando por privações calculadas até as pequenas humilhações.

Para Foucault, a punição realizada na escola deverá se embasar no sistema gratificação-sanção que se aplica, por exemplo, no fato em que se deve usar muito mais de gratificações do que sanções, pois os indivíduos serão incitados a procurar muito mais a recompensa do que as penalidades, garantindo dessa forma, que o comportamento se incline muito mais na busca por gratificações e recompensas.

Outro dispositivo disciplinar utilizado nas escolas é o exame, que permite qualificar, classificar e punir os alunos, através de testes e avaliações de capacidade que identificam o aluno como problemático ou indisciplinado.

Na escola há modelagem, vigilância e há também conflitos gerados pela resistência do grupo de internados em aceitar os esforços modeladores da equipe dirigente, segundo Goffman, os internados organizam estratégias para defender-se dos efeitos modeladores mantidos pela equipe dirigente, vislumbrando uma situação clara de disputas e relações de poder. Assim no ambiente escolar, os alunos realizam um controle social informal entre eles mesmos e também com a equipe dirigente principalmente quando esta impõe medidas ostensivas que desagradam os internados. Para exercer esse controle social informal, os alunos formam grupos, que buscam a união por comungar dos mesmos princípios e entre esses grupos ocorre um controle, uma vigilância, que vai além da exercida pela equipe dirigente, se estendendo para todos os indivíduos que fazem parte da escola.

Dessa forma, verifica-se que o controle não é exercido somente pela equipe dirigente, ela é exercida também pelos alunos, o poder se manifesta em uma espécie de rede a partir de uma cadeia hierárquica vindo do poder central e se multiplicando em uma série de relações que se interligam.

Na escola a vigilância se efetiva com a presença do diretor, dos vices-diretores, da supervisão pedagógica, dos professores e finalmente os alunos, uns controlando os outros. Essa relação hierárquica é fundamental, pois cada setor irá

controlar o outro, numa espécie de pirâmide de olhares que garanta o objetivo do poder central de se manter a ordem e controle de todos, denotando uma situação em que todos detém o poder.

Inserido nessa perspectiva de cadeia hierárquica, o diretor, posição hierarquicamente superior, irá comandar administrativamente a escola além de controlar o comportamento dos alunos e da sua equipe pedagógica.

Já o professor, dentro dessa lógica que visa formar um determinado tipo de sujeito que será modelado para satisfazer uma necessidade gerada pelo contexto social, será o responsável pelo discurso que promove o saber, embasado na verdade incontestável em que o aluno é apenas ouvinte e repetidor do conhecimento transmitido pelo docente (PEREIRA, 2013)<sup>8</sup>.

Fica evidente que há uma rede de olhares que controla uns aos outros: o professor que controla seu aluno, uma equipe pedagógica que controla os professores, um diretor que controla toda a escola.

Dessa forma, pensando a educação sob a ótica do poder disciplinar de Foucault e da teoria da instituição total de Goffman, verifica-se que em ambas as teorias a instituição se conforma na idéia de confinamento que visa a correção e (re) socialização a partir de uma lógica de controle e de um sentimento de constante vigilância que obriga a todos a seguirem normativas e regulamentos, garantindo que nada saia daquilo que foi planejado. Assim como tantas outras instituições, isso ocorre também nas escolas, onde os indivíduos são dispostos em um espaço de modo que a instituição possa esquadrihar suas ações e comportamentos para assim definir o indivíduo e a sociedade como um todo.

Assim a escola com o propósito de correção e reforma submete o indivíduo a um poder normalizador que irá percorrer todas as relações que ocorrem no espaço escolar, criando padrões e condutas que devem ser seguidas, punindo os transgressores que fugirem as regras, processo esse rigorosamente controlado e vigiado. Dessa maneira a escola é um espaço disciplinar fechado que constitui o saber e a noção que há um controle e vigilância constante. Assim a escola pensada numa sociedade disciplinar se afirma como a responsável por conduzir a conduta do sujeito imerso em uma lógica de controle, vigilância, normativas e punições.

---

<sup>8</sup> PEREIRA, Benedito Fernando. **Foucault e a educação libertária**: Por uma escola transformadora da sociedade. n. 13, p. 81-102. Rio Grande do Sul: Faculdade Católica de Porto Alegre, fev./jun. 2013.

No entanto, muitos apontam que esse modelo de sociedade e instituição disciplinar norteada pelo confinamento e por um sistema fechado está em crise resultado de uma pressão advinda do novo contexto político econômico social que se caracteriza por ações flexibilizadoras.

Segundo Deleuze (1992) *apud* Nascimento (2013, p.124):

Essa crise se refere ao marco do rompimento dos muros institucionais: essas novas forças operam por um sistema aberto e são formas ultra rápidas de controle ao ar livre, que substituem as antigas disciplinas que operam em um sistema fechado.

Dessa forma, verifica-se que a disciplina vai, gradativamente, dando espaço a uma formação permanente que ocorre, sobretudo, fora dos muros institucionais, onde não há limites definidos e não há mais um espaço restrito para o poder se fazer existir. Desse modo, a sociedade de controle é influenciada por mecanismos e ferramentas advindos da rede de informação que transcende o espaço físico da escola. Isto amplia a lógica e modulação pautada no controle e na vigilância, que não ficam mais confinados entre os muros institucionais, mas distribuídos em cada detalhe de uma rotina.

É possível observar assim que frente a uma crise das instituições e dos mecanismos de confinamento, a sociedade disciplinar perde força e a sociedade de controle, dinâmica e flexível vem ganhando espaço, assim enquanto a escola disciplinar confinada em um espaço fechado forma sujeito dóceis e obedientes, que tende a seguir rigorosamente os padrões e regras que são fixados, a escola controladora baseada em um controle contínuo, que ainda investe no corpo, objetiva agora formar sujeitos flexíveis e estratégicos, capazes de mudar continuamente seu comportamento e adaptar-se a diferentes situações, se aproximando das necessidades que se perfazem diante de uma conjuntura de globalização em que mudanças e transformações ocorrem de uma forma muito veloz, exigindo do indivíduo a capacidade de adaptação a modificações que se dão no campo social, econômico e político.

## 4 CONCLUSÃO

Verifica-se que tanto Foucault quanto Goffman afirmam que a formação do sujeito atrelada aos processos de correção e (re) socialização ocorrerá a partir de espaços em confinamentos, instituições fechadas que promoveram a modelagem do comportamento do indivíduo.

Essas instituições, inseridas em um contexto de sociedade disciplinar, de uma formação intra muros, abrangem os hospitais, presídios e as escolas que serão as responsáveis por uma formação em regime integral envolvendo um grande número de internados que serão rigorosamente controlados pelas suas atitudes e comportamentos por uma equipe especializada.

Esse controle e vigilância, na escola, ocorrem então em um espaço determinado sob a técnica de clausura, onde cada indivíduo tem o seu lugar, seja em uma determinada série, na fila de entrada e de saída, ou na carteira a fim de facilitar a sua localização, com intuito de dimensionar a vigilância sob o comportamento do aluno, analisando seus defeitos e qualidades para recompensá-los ou puni-los, premiá-los ou castigá-los.

Constata-se que tanto Foucault quanto Goffman pensam a escola a partir de uma calculada organização de espaço e de tempo, que objetivam modelar a conduta dos estudantes de uma forma padronizada e homogeneizante, sejam por técnicas disciplinares, que visam tornar o corpo hábil e obediente, até processos de “mortificação do eu”, onde o indivíduo passa a perder características adquiridas em sua vivência externa, vislumbrando assim uma padronização de comportamento de acordo com o regramento estabelecido na instituição.

Assim o espaço escolar se caracteriza por uma rigorosa vigilância. O dispositivo que auxilia sobremaneira esse controle é o panóptico, que permite ver sem parar e reconhecer imediatamente. Além do recurso arquitetônico, a rigorosa vigilância é realizada por todos que fazem parte da escola se distribuindo desde os diretores e equipes dirigentes até aos próprios alunos/internados, estimulando assim a obediência e proporcionando uma maior facilidade em manipular e adestrar o indivíduo.

No entanto, Goffman adverte que esse controle realizado pela equipe que comanda as escolas nem sempre se revela tão simples, já que há alunos que se

mostram resistentes e organizam estratégias para combater as ordens e regramentos, isto é, demonstram resistência ao poder no contexto institucional.

Segundo o mesmo autor, esse tipo de comportamento dos internados pode ser encontrado em instituições cuja autoridade está concentrada num grupo completo da equipe dirigente, e não num conjunto de pirâmides de comando.

Esse é um dos pontos que Foucault e Goffman ao analisarem as instituições e a escola, se distanciam, já que para Foucault, baseada em uma pirâmide de olhares cada setor irá controlar o outro, dificultando assim qualquer espécie de resistência dos alunos ou dos internados. Outro ponto relevante a respeito das diferenças das duas teorias, é que as relações de poder devem ser analisadas principalmente pelas suas positivities, já que o poder produz saber e, conseqüentemente constrói sociedades. Se o poder produz saber não haveria porque ele ser desobedecido.

Dessa forma observa-se que a escola com o objetivo de correção, reforma e reeducação, ela concentra, distribui, classifica no espaço, ordena no tempo, e produz saber a partir das relações estabelecidas dentro da instituição. Assim a escola para Foucault e Goffman tem papel fundamental, pois ela forma o indivíduo, constrói o sujeito a partir de um contexto de vigilância, controle, regramento e punição.

Contudo, Deleuze ao dar continuidade na teoria de Foucault, afirma que a INSTITUIÇÃO fechada (escolas, fábricas, hospitais) com fins corretivos com limites bem definidos, intra muros, está em crise. A sociedade de controle dinâmica e flexível começa a ganhar espaço frente à disciplinar, visando uma formação permanente que ocorre, também fora dos muros institucionais. Verifica-se assim que as instituições físicas dão lugar às virtuais onde não há limites definidos e a vigilância se torna contínua e espalhada por toda a sociedade.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Letícia; CONCEIÇÃO, Maria da; SANTOS, Rozilene. Projeto do curso de Pedagogia da UERJ/FEBF. Disponível em: <http://michelfoucault.hotglue.me> Acesso em: mar. 2015.

BENELLI, Silvio José. **Dispositivos disciplinares produtores de subjetividade na instituição total**. Psicologia em estudo. v. 8. n. 2. Maringá: 2003, p. 99-114.

\_\_\_\_\_. **A instituição total como agência de produção de subjetividade na sociedade disciplinar**. Estudos de psicologia. v. 21. n. 3. Campinas: set./dez. 2004, p. 237-252.

BORGES, Juliano Luís. Escola e disciplina: Uma abordagem foucaultiana. **Revista Urutágua**. Revista Acadêmica Multidisciplinar. Maringá: UEM, 2004. Disponível em: [http://www.urutagua.uem.br/005/05edu\\_borges.htm](http://www.urutagua.uem.br/005/05edu_borges.htm) Acesso em: mar. 2015.

DANNER, Fernando. **A genealogia do poder em Michel Foucault**. Programa de Pós Graduação em Filosofia e Ciências Humanas. IV Mostra de Pesquisa da Pós Graduação. Rio Grande do Sul: PUCRS, 2009.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

\_\_\_\_\_. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.

DIAZ, Esther. **A filosofia de Michel Foucault**. São Paulo: Editora da Unesp, 2012.

FONSECA, Márcio Alves da. O domínio do politizável. **Revista Cult**. Ed. 97. 2010. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/o-dominio-do-politizavel/> Acesso em: mar. 2015.

FOUCAULT, Michel. **Verdade e poder**. In: Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. **L'impossible prison: Recherches sur lê systeme pénitentiaire ao XIX. Siècle**. Paris: Éd. Du Seuil, 1980.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir**. 27. ed. Petropolis: Vozes, 1987.

GAMA, Cláudio Oliveira da; GAMA, Gláucio Oliveira da; PINHO, Luiz Celso. **Foucault, o corpo e o poder disciplinar**. Ano 14. n. 136. set. 2009. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd136/foucault-o-corpo-e-o-poder-disciplinar.htm> Acesso em: jan. 2015.

GIL, Ana Helena Correa de Freitas; GIL FILHO, Sylvio Fausto. Geografia do cotidiano: Uma leitura da metodologia sócio-interacionista de Erving Goffman. v. 2. n.2. **Revista Eletrônica Ateliê Geográfico**. 2008. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/ateliê/article/view/4708> Acesso em: mar. 2015.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

GUNDALINI, Bruno; TOMIZAWA, Guilherme. Mecanismo disciplinar de Foucault e o panóptico de Nentham na era da informação. ANIMA: **Revista Eletrônica do Curso de Direito das Faculdades OPET**. Ano IV. n. 9. Curitiba: OPET, jan./jun. 2013.

KELM, Caroline. **Estado e relações de poder no pensamento genealógico de Michel Foucault**. Dissertação de Mestrado de Filosofia. Área de concentração - História da filosofia moderna e contemporânea. Curitiba. UFPR, 2012.

KUNZE, Nádia Cuiabano. Erving Goffman (Resenha do livro). Manicômios, prisões e conventos. Tradução de: LEITE, Dante Moreira. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001. **Revista HISTEDBR On-Line**. n. 33. Campinas: mar. 2009, p.289-294.

MARINHO, Ernandes Reis. As relações de poder segundo Michel Foucault. **E-Revista Facitec**. v.2. n.2. Art.2. dez./2008. Disponível em: <http://www.facitec.br/ojs2/index.php/erevista/article/view/7> Acesso em: mar. 2015.

NASCIMENTO, Paulo Henrique Costa. Educação, cotidiano escolar e sociedade de controle: As contribuições de Gilles Deleuze para pensar o paradigma multidimensional de administração escolar. **Revista Eletrônica Filogenese**. v. 6. n. 1. 2013. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/paulonascimento.pdf>. Acesso em: jun. 2015.

NEVES, José Pinheiro. O sujeito e o poder. In: Sociedade e cultura 1. **Cadernos do Noroeste. Série Sociologia**. v. 13. 2000, p. 349-370. Disponível em: <http://neves.paginas.sapo.pt/foucault.html> Acesso em: mar. 2015.

PEREIRA, Benedito Fernando. **Foucault e a educação libertária**: Por uma escola transformadora da sociedade. n. 13, p. 81-102. Rio Grande do Sul: Faculdade Católica de Porto Alegre, fev./jun. 2013.

PINHO, Luiz Celso. **As tramas do discurso**. In: CASTELO BRANCO, Guilherme; BAÊTA NEVES, Luiz Felipe (Org.). **Michel Foucault: De arqueologia do saber a estética de existência**. Londrina. Rio de Janeiro: NAU, 1998, p.183-192.

POGREBINSCHI, Thamy. Foucault, para além do poder disciplinar e do biopoder. **Revista Lua Nova**. n. 63. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n63/a08n63.pdf>. Acesso em: mar. 2015.

POZZOBON, Kelen Medianeira. **Disciplina e subjetividade: Uma perspectiva em Goffman e Foucault sobre as práticas do exército**. Trabalho de Graduação, 2012. Disponível em: <http://www.unifra.br/eventos/sepe2012/Trabalhos/7112.pdf> Acesso em: mar. 2015.

TEMPLE, Giovana. **Poder e resistência em Michel Foucault: Uma genealogia do acontecimento**. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade Federal de São Carlos, 2011. Disponível em: <http://www.dfmc.ufscar.br/uploads/publications/510805043b43e.pdf> Acesso em: jan. 2015.